



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CAMPUS DO SERTÃO
UNIDADE EDUCACIONAL SANTANA DO IPANEMA
BACHARELADO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

KLYVIO FERREIRA PONTES

**O ARTESANATO COMO EXPRESSÃO SOCIOCULTURAL DA COMUNIDADE
INDÍGENA FULNI-Ô DE ÁGUAS BELAS – PE**

Santana do Ipanema – AL
2024

KLYVIO FERREIRA PONTES

**O ARTESANATO COMO EXPRESSÃO SOCIOCULTURAL DA COMUNIDADE
INDÍGENA FULNI-Ô DE ÀGUAS BELAS – PE**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, Campus de Sertão, Unidade Santana do Ipanema-AL.

Orientador: Prof. Dr. Manoel Valquer Oliveira Melo

**Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

P814a Pontes, Klyvio Ferreira.

O artesanato como expressão sociocultural da comunidade indígena fulni-ô de Águas Belas - PE / Klyvio Ferreira Pontes. - 2024.
48 f. : il. color.

Orientador: Manoel Valquer Oliveira Melo.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Econômicas)
– Universidade Federal de Alagoas. Campus do Sertão. Santana do Ipanema, 2024.

Bibliografia: f. 47-48.

1. Artesanato. 2. Cultura indígena. 3. Fulni-ô (Comunidade indígena). 4. Fontes de renda. I. Título.

CDU: 330.566.6 : 334.712

FOLHA DE APROVAÇÃO

O ARTESANATO COMO EXPRESSÃO SOCIOCULTURAL DA COMUNIDADE INDÍGENA FULNI-Ô DE ÁGUAS BELAS – PE

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à banca examinadora do curso de Bacharelado em Ciências Econômicas da Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, Unidade Educacional Santana do Ipanema - AL e aprovada em 03 de abril de 2024.

Banca examinadora:

Documento assinado digitalmente
 MANOEL VALQUER OLIVEIRA MELO
Data: 13/08/2024 11:59:16-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Orientador(a) – Prof. Dr. Manoel Valquer Oliveira Melo, UFAL

Documento assinado digitalmente
 EVALDO MENDES DA SILVA
Data: 13/08/2024 14:02:13-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Examinador(a) Interno(a) – Prof. Dr. Evaldo Mendes da Silva, UFAL

Documento assinado digitalmente
 HERMANI MAGALHAES OLIVENSE DO CARMO
Data: 15/08/2024 09:34:10-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Examinador(a) Interno(a) – Prof. Msc. Hérmani Magalhaes Olivense do Carmo, UFAL

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a toda minha família, carinhosamente a minha avó Maria Delma Luna, uma mulher guerreira que desde cedo lutou para garantir o sustento e futuro de toda a família; e todos os amigos indígenas que sempre me apoiaram e me incentivaram para que eu pudesse realizar o curso superior de Ciências Econômicas.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, expresso minha sincera gratidão a *Edjadwa-Iha* (Deus) pelo dom da vida e pela proteção constante que tem me acompanhado ao longo de minha jornada.

Gostaria de estender meus agradecimentos aos meus pais e amigos, cujo apoio e incentivo foram inestimáveis nos momentos mais desafiadores.

Aos estimados professores, sou imensamente grato pelos valiosos ensinamentos que contribuíram para meu crescimento e desenvolvimento profissional.

Não posso deixar de expressar minha gratidão ao meu orientador, professor Manoel Valquer Oliveira Melo, pela sua orientação, paciência e apoio durante o processo de elaboração da pesquisa.

Expresso meu sincero agradecimento pelo auxílio da bolsa permanência oferecida pelo governo federal. Esta assistência foi fundamental para viabilizar minha trajetória acadêmica, permitindo-me dedicar-me aos estudos e alcançar meus objetivos educacionais.

Por fim, agradeço de todo coração a todos os envolvidos, direta ou indiretamente, que contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

Esta monografia explora as características do artesanato como expressão sociocultural da comunidade indígena Fulni-ô em Águas Belas, Pernambuco. É uma comunidade étnica de destaque no interior nordestino do Brasil que preserva seu dialeto, rituais e cultura ancestral com aproximadamente quatro mil habitantes locais. O objetivo deste estudo é investigar a criação de artefatos de fabricação comunitária que cumprem funções socioculturais e representa uma fonte alternativa de geração de renda para os produtores. Além do valor econômico, a produção artesanal também desempenha um papel importante na transmissão da memória coletiva dos povos tradicionais da região. A população Fulni-ô é altamente dependente deste recurso, não só como fonte de rendimento, mas também como parte integrante da sua cultura. Para manter viva a língua e a cultura Fulni-ô, todos os membros devem participar de rituais sagrados, como o Ouricuri. O estudo utilizou design exploratório com abordagem qualitativa. Os dados foram coletados utilizando uma combinação de entrevistas semiestruturadas pelo *Google Forms* e observação participante. A produção artesanal, que antes era voltada apenas para o uso diário, hoje é comercializada e até exportada para outros países, contribuindo para a difusão da cultura indígena do Nordeste do Brasil. Atualmente, o artesanato produzido pela comunidade é uma das principais fontes de renda das famílias indígenas Fulni-ô.

Palavras-chave: Artesanato; Cultura Indígena; Fulni-ô; Fonte de renda.

ABSTRACT

This monograph explores the characteristics of handicrafts as a socio-cultural expression of the Fulni-ô indigenous community in Águas Belas, Pernambuco. It is a prominent ethnic community in the northeastern interior of Brazil that preserves its dialect, rituals, and ancestral culture with approximately four thousand local inhabitants. The aim of this study is to investigate the creation of community-made artifacts that fulfill socio-cultural functions and represent an alternative source of income for the producers. In addition to its economic value, handicraft production also plays an important role in transmitting the collective memory of the region's traditional peoples. The Fulni-ô population is highly dependent on this resource, not only as a source of income but also as an integral part of their culture. To keep the Fulni-ô language and culture alive, all members must participate in sacred rituals, such as the Ouricuri. The study employed an exploratory design with a qualitative approach. Data were collected using a combination of semi-structured interviews via Google Forms and participant observation. Handicraft production, which was once focused solely on daily use, is now commercialized and even exported to other countries, contributing to the dissemination of indigenous culture in northeastern Brazil. Currently, the handicrafts produced by the community are one of the main sources of income for Fulni-ô indigenous families.

Keywords: Handicrafts; Indigenous Culture; Fulni-ô; Source of Income.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Registro fotográfico da área urbana de Águas Belas – PE.....	18
Figura 2 -	Compilados de imagens do trabalho com a planta Ouricuri.....	20
Figura 3 -	Registro do espaço onde ocorre o ritual do Ouricuri.....	24
Figura 4 -	Produção de cocar de penas.....	29
Figura 5 -	Palmeira do coqueiro Ouricuri.....	29
Figura 6 -	Palha da palmeira Ouricuri.....	33
Figura 7 -	Produto final.....	34
Figura 8 –	O indígena na confecção do artesanato.....	44

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1.	Indígenas artesãos de acordo com o gênero.....	40
Gráfico 2.	Nível de escolaridade entre os artesãos.....	41
Gráfico 3.	Educação escolar indígena.....	41
Gráfico 4.	A conexão com trabalho artesanal.....	42
Gráfico 5.	Tempo de experiência com o artesanato.....	42
Gráfico 6.	Beneficiários de políticas de transferência de renda.....	43

LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

SPI	Serviço de Proteção aos Índios
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
DSEI	Distrito Sanitário Especial Indígena

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA	16
2.1	Relações históricas entre a cidade de Águas Belas e os Fulni-ô.....	16
2.2	Espaço territorial e Práticas identitárias dos indígenas Fulni-ô.....	18
3	O ARTESANATO COMO EXPRESSÃO CULTURAL DA COMUNIDADE INDÍGENA FULNI-Ô	26
3.1	A economia criativa pelo viés do artesanato	35
3.2	O fomento de políticas públicas voltadas para o artesanato indígena.....	36
4	METODOLOGIA.....	39
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	40
5.1	Narrativa de um artesão pioneiro na produção artesanal	43
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
	REFERÊNCIAS	47

APRESENTAÇÃO

Quando decidi entrar na universidade, descobri que havia mais problemas a superar no contexto social ao qual pertencia do que eu poderia imaginar e enfrentar. Enfrentei muitas dificuldades na questão socioeconômica porque a visão econômica no seio da minha comunidade ainda precisa ser melhorada. No mundo acadêmico, fazer investigação econômica deu-me a oportunidade de obter uma compreensão mais ampla de vários aspectos. Daí veio à ideia de estudar o meu próprio povo através do artesanato.

Na verdade, hoje temos o arsenal tecnológico para compreender melhor esta visão cultural e econômica. Mas há necessidade de implementar novas ideias através de políticas públicas para promover o desenvolvimento econômico sustentável para toda a comunidade indígena Fulni-ô.

O trabalho de pesquisa não se limita à produção artesanal, mas as manifestações da visão cultural resultante desta prática. Entendemos que outros fatores além da dependência da produção estão causando problemas na comunidade. Para nós, indígenas da comunidade Fulni-ô, a prática do artesanato é uma das principais fontes de cultura e história.

É também importante compreender que as condições de vida da população Fulni-ô revela um contexto semelhante em relação a outras comunidades indígenas do Brasil, devendo notar-se que a forma como aprenderam a fazer artesanato pode estar relacionada com condições culturais e econômicas.

Como indígena Fulni-ô e morador da comunidade, posso dizer que o artesanato não é apenas um meio de produção econômica ou de sobrevivência, mas também uma expressão cultural do nosso povo. O ofício do artesanato, em particular, pode dar-nos uma compreensão mais profunda de como vivemos e do que a nossa cultura, especialmente o artesanato, pode expressar criativamente.

Através desta investigação pretendemos contribuir para o conhecimento científico e para a valorização e preservação da cultura e identidade da população Fulni-ô. O principal interesse é que o nosso trabalho possa criar uma compreensão da importância essencial do artesanato na vida e na história do nosso povo.

1. INTRODUÇÃO

A presente monografia aborda o artesanato dos indígenas Fulni-ô como uma expressão sociocultural. O estudo evidenciou como a produção artesanal permeia diversos aspectos do estilo de vida, da língua, da religião e dos costumes desta população. Para os povos Fulni-ô, o artesanato transcende as atividades puras de produção e torna-se uma relação íntima entre o criador e criatura, enraizada numa rica herança ancestral. Embora a comunidade Fulni-ô também se beneficie de outras fontes de rendimento, como a agricultura e o trabalho independente, não se pode negar que as práticas artesanais desempenham um papel vital no desenvolvimento e socialização deste grupo.

A escolha do tema desta pesquisa foi fortemente influenciada pela minha identidade étnica, e neste contexto optei por investigar a influência sociocultural nas práticas artesanais do povo Fulni-ô. Este fenômeno exige uma compreensão da dependência do artesanato e das implicações deste estudo, evidenciando problemas e possíveis soluções para a sua prática social. Analisar porque a população Fulni-ô considera o artesanato uma parte importante da sua cultura revela não só a função do artesanato como fonte de rendimento, mas também a sua importância cultural.

A comunidade de Fulni-ô, que atualmente abriga pouco mais de 4 mil pessoas, está localizada em uma área próxima à cidade de Águas Belas, em Pernambuco. Vale ressaltar que a cidade está localizada em território Fulni-ô, que abrange uma área de aproximadamente 11.604 hectares, e é considerada pelo governo federal como a área dominial dos Fulni-ô. No entanto, é importante sublinhar que nem todo o território pertence à comunidade, o que tem gerado tensão e debate sobre a demarcação de limites, especialmente porque a demarcação proposta expandiria a área para quase o dobro do tamanho atual. Esta questão tem sido objeto de intenso debate devido às suas implicações socioeconômicas e políticas.

A proximidade entre os indígenas que vivem na comunidade e os não indígenas que vivem na cidade é principalmente resultado de relações comerciais de vizinhança. Tal proximidade não surpreende, uma vez que quase não existe comércio no aldeamento, motivo pelo qual o contato com os habitantes da cidade é inevitável. Desde então, este contato tem permitido que as pessoas se conheçam

cada vez mais, partilhem costumes e hábitos que contribuem para uma convivência mais harmoniosa apesar das diferenças culturais.

No passado, a comercialização de artesanato enfrentou desafios porque exigia o estabelecimento de relações com não indígenas, e essas relações são muitas vezes instáveis, cheias de desconfiança e falta de compreensão mútua. Estas dificuldades são agravadas por barreiras ao comércio criadas pela falta de contato prévio entre as pessoas devido ao estatuto indígena. Contudo, a dinâmica atual mudou significativamente e caracteriza-se por uma convivência mais harmoniosa. Essa mudança foi impulsionada pelo crescente interesse e conscientização da cultura indígena entre os consumidores locais, o que levou à expansão do comércio de artesanato Fulni-ô em todo o Brasil, especialmente na capital.

Do ponto de vista artesanal, é uma a experiência de se sentir verdadeiramente Fulni-ô. O domínio contínuo do ofício é a essência da identidade Fulni-ô, e os mais velhos são os herdeiros desta arte centenária. Além disso, o artesanato desempenha um papel importante na comunicação entre o povo Fulni-ô, uma vez que o reconhecimento na comunidade indígena é muitas vezes determinado pelas práticas orais e religiosas locais e pela produção artesanal.

À medida que aumenta a interação entre os aprendizes e os mais velhos que ensinam o ofício, uma relação educacional fraterna se desenvolve junto com o ensino da língua *Yaathê*. Os instrutores explicam a função do ofício para os ancestrais e repassam esse conhecimento às futuras gerações de Fulni-ô. Pode ser visto como uma expressão de preservação cultural, sobrevivência e resistência.

Há um interesse crescente em consumir e comprar artesanato entre os próprios indígenas, bem como entre aqueles que não são membros da comunidade. Atualmente, os artesãos indígenas estão envolvidos na produção e aprendizagem de novas tecnologias e conseguem vender seus produtos, inclusive na comunidade, para que outros indígenas possam levá-los para cidades fora das áreas onde convivem.

Para atingir os objetivos deste trabalho, a metodologia envolve coleta e análise de dados, o que garante consistência entre os resultados apresentados e os objetivos da pesquisa. Esses elementos foram explorados por meio de entrevistas com artesãos e anciãos, proporcionando uma visão mais ampla e contextualizada do

tema. A pesquisa bibliográfica desempenha um papel vital no estabelecimento e na contextualização do trabalho.

Uma coleção de fotografias também enriquece o trabalho e ilustra visualmente as práticas e tradições culturais dos povos Fulni-ô. Em suma, a metodologia adotada permite uma abordagem qualitativa à produção do artesanato como manifestações socioculturais da comunidade Fulni-ô.

Do ponto de vista etnográfico, importante enfatizar que o estudo não tem objetivo de investigar a produção de bens com conotações étnicas para atender às necessidades do mercado consumidor. Em vez disso, procura compreender e apreciar a produção artesanal autêntica dos Fulni-ô como uma expressão da cultura indígena. Significa que reconhecer o artesanato é mais do que meras decorações, adornos ou produtos comerciais.

Este trabalho está dividido em três partes principais. A primeira seção fornece a base teórica acerca das práticas identitárias do povo Fulni-ô, explorando questões territoriais e socioculturais. A segunda parte centrar-se-á no artesanato como expressão sociocultural e explorará porque é tão importante para os artesãos Fulni-ô. Por fim, a terceira parte tratará do tema do artesanato, enfatizando brevemente a sua importância para os Fulni-ô e a dedicação dos artesãos locais à sua produção.

No decorrer da pesquisa, que se faz claro que a identidade original indígena dos Fulni-ô permanece vibrante e ativa que se manifesta de forma orgânica na criatividade do artesanato, em aspectos da sua vida cotidiana, da linguagem, crenças religiosas, figurinos e tradições.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

2.1 Relações históricas entre a cidade de Águas Belas e os FULNI-Ô.

O Serviço de Proteção aos Índios (SPI), órgão que inicialmente prestava assistência aos indígenas, mais tarde evoluindo para a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), enfrentou críticas por sua ineficácia na proteção das comunidades indígenas. Além de não regularizar as terras indígenas, o SPI falhou em proteger os indígenas contra os ataques de fazendeiros e coronéis que frequentemente tentavam reprimir suas práticas religiosas e usurpar suas terras, usando tanto métodos persuasivos quanto violentos, incluindo o uso de armas de fogo para expulsá-los de suas terras. Adicionalmente, o SPI não fornecia a assistência básica necessária para as comunidades indígenas, deixando-os vulneráveis à exploração e à marginalização.

A questão da terra se tornou ainda mais emblemática quando, no final da década de 1920, o SPI documentou que a área ocupada pelos Fulni-ô foi dividida pelo Ministério da Agricultura, com a colaboração dos serviços do SPI. Ficou estabelecido que 400 lotes de 550 x 550 metros (totalizando 30,25 hectares), além de outros 27 lotes de extensão e dimensões irregulares, seriam destinados aos indígenas. Em 14 de maio de 1929, os Fulni-ô receberam títulos individuais de terra, de caráter provisório, emitidos pelo mesmo ministério (Campos; Schröder, 2011). Essa medida refletiu uma tentativa de regularização fundiária, porém, ainda deixava questões pendentes quanto à segurança e à extensão dos territórios indígenas. Desse modo, os conflitos pela posse da terra marcam a história desse povo.

Apesar das controvérsias passadas em relação à terra reivindicada pelos Fulni-ô, a situação atual não é mais tão tensa como outrora. Houve um progresso em direção a um convívio mais pacífico, com aceitação mútua entre ambas as partes na região. No entanto, a fundação da cidade trouxe consequências significativas para os Fulni-ô. O estabelecimento da cidade em áreas que antes eram exclusivamente habitadas pelos Fulni-ô resultou em perseguições e conflitos entre os indígenas e os não indígenas, posseiros que, por meio da força, tentavam expulsar os Fulni-ô de suas terras tradicionais e meios de subsistência. Esses transtornos evidenciam os desafios enfrentados pelos Fulni-ô diante da pressão e da usurpação de suas terras ancestrais.

Os documentos históricos indicam que a cidade de Águas Belas foi construída em uma área sobre a qual não há registros claros de como os Fulni-ô a cederam para sua construção. As informações oficiais da prefeitura da cidade sobre a doação da terra pelos Fulni-ô são contestadas pelos próprios indígenas. Em 1832, documentos determinaram que uma parte dessa área fosse destinada ao patrimônio de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do local e também objeto de devoção dos Fulni-ô. Essa "doação" resultou no surgimento e na expansão da cidade de Águas Belas no coração do território indígena. Essa situação evidencia os conflitos históricos e as complexidades envolvendo a ocupação do território indígena e o desenvolvimento urbano.

Conforme relatado por Pinto (1956 *apud* Schröder, 2011), com base em registros da Diretoria das Índias, em 1855 havia 738 Fulni-ô contados, porém, em 1861, esse número havia diminuído para apenas 382 indivíduos, distribuídos em 96 famílias. Esse decréscimo populacional significativo foi atribuído à devastação causada por uma epidemia de cólera em 1856, que dizimou metade da população dos Fulni-ô. Essa tragédia teve um impacto profundo na comunidade indígena, resultando em uma redução drástica de sua população.

De acordo com Schröder (2011), em meio a esses acontecimentos, surge o contexto da Guerra do Paraguai. O governo do Império brasileiro decreta o voluntariado, e em 1865, 72 homens de Águas Belas foram recrutados, sendo a maioria deles pertencente à comunidade Fulni-ô. O número exato de indígenas que retornaram da guerra não é conhecido, porém, foi significativamente menor do que aqueles que participaram do conflito. Essa participação dos Fulni-ô na Guerra do Paraguai reflete os desafios adicionais enfrentados por essa comunidade durante esse período histórico tumultuado.

Conforme aponta Quirino (2011), a participação dos Fulni-ô na Guerra do Paraguai resultou na demarcação de terras em forma de doação como uma forma de reconhecimento pela princesa Isabel, devido à contribuição dos indígenas no conflito. O loteamento de terras indígenas era uma prática comum na época. Essa participação na guerra tornou-se parte da história oral dos Fulni-ô, que frequentemente relatam o envolvimento de seus ancestrais no conflito em prol dos "brancos". Essa narrativa é uma parte importante da memória coletiva da comunidade, destacando a complexidade das relações entre os indígenas e o

Estado durante esse período histórico.

Em 1862, recomenda-se ao presidente da província de São Paulo que distribuam lotes que não excedam 62.500 braças (cerca de 30 hectares) e sejam em geral de 22.500 braças (cerca de 12 hectares) às famílias e aos maiores de 21 anos com economia separada (19/051862). Em 1875, o governo é um pouco mais generoso: não só os lotes da Bahia e Pernambuco são de 62.500 braças quadradas para os chefes de família e de 31.250 braças quadradas, a metade, para os solteiros, como os títulos de propriedades são imediatamente dados (decisões 272 e 273 de 8/7/1875) (Cunha, 1992, p. 153-154 *apud* Schröder, 2011, p. 50).

Apesar de terem recebido lotes de terra no referido período, muitas famílias Fulni-ô ainda enfrentam a falta de acesso a terras adequadas na atualidade. Essa escassez de terras agrava a situação, especialmente no que diz respeito ao cultivo de culturas essenciais como milho e feijão, que historicamente foram fundamentais para a subsistência dos Fulni-ô. A limitação do espaço para plantio compromete a capacidade das famílias de garantir sua segurança alimentar e preservar suas tradições agrícolas. Essa questão ressalta a importância contínua da luta pela garantia dos direitos territoriais e pelo acesso justo à terra para os povos indígenas da região.

Figura 1 - Registro fotográfico da área urbana de Águas Belas - PE



Fonte: <https://aguasbelas.pe.gov.br/2022/04/07/aguas-belas-alcanca-2o-lugar-em-Pernambuco-em-transparência-nas-informações-contábeis/> acesso 25/03/2024.

2.2 Espaço territorial e Práticas identitárias dos indígenas Fulni-ô

Águas Belas, localizada no Estado de Pernambuco, encontra-se a uma distância de 273 km da capital, sendo situada na zona fisiográfica do Sertão e tendo o rio Ipanema como um de seus afluentes. Com uma população próxima de 50.000 habitantes, cerca de 30% dessa população reside na área rural.

Os Fulni-ô, comunidade indígena que conta com pouco mais de 4.000 membros, estão localizados muito próximos da cidade. Culturalmente, os Fulni-ô preservam tradições seculares, sendo que o primeiro ensinamento transmitido é o seu idioma, que é passado de pais para filhos, evidenciando a importância da preservação da língua e da cultura indígena dentro da comunidade. O primeiro laço a unir esse povo é a língua, Pinto (1956 *apud* Schröder, 2011). Os Fulni-ô são os únicos praticantes de uma língua nativa na região Nordeste, o que torna o *Yaathê* uma língua singular e de grande importância para a preservação da diversidade linguística e cultural na região, como aponta (Costa, 1993).

A memória coletiva desempenha um papel fundamental na preservação e transmissão da cultura Fulni-ô. Dentro dessa memória, são incorporados valores, tradições e conhecimentos ancestrais que são transmitidos de geração em geração. O aprendizado da língua *Yaathê*, o tratamento respeitoso com os mais velhos, os valores familiares, a importância da religião e o ensinamento do artesanato são aspectos essenciais que fazem parte dessa memória coletiva.

Não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem, uma à outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que na cerca (Halbwachs, 1990, p. 137).

A transmissão dos valores na comunidade Fulni-ô ocorre principalmente de forma oral, através dos ensinamentos dos mais velhos. Esses ensinamentos incluem não apenas as tradições culturais, como também os valores fundamentais que regem a vida na comunidade.

A memória coletiva desempenha um papel importante na preservação da identidade e cultura Fulni-ô. É através dela que a história, lendas, mitos e tradições são transmitidos de geração em geração, garantindo a continuidade e o fortalecimento da identidade indígena.

Figura 2 - Compilados de imagens do trabalho com a planta Ouricuri



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

A etimologia do nome "Fulni-ô", (Fuly = rio, yoô ou ioô = nós) que significa "Povo da beira do rio", reflete a proximidade histórica e geográfica desse grupo indígena com o rio Ipanema que atravessa a região onde vivem.

A preservação da língua *Yaathê* entre os Fulni-ô é um testemunho da resistência e da resiliência desse povo em manter viva sua cultura e identidade. Apesar do contato com a sociedade não indígena, os Fulni-ô continuam a transmitir e preservar sua língua nativa através da oralidade, demonstrando o profundo vínculo cultural e histórico com suas tradições linguísticas.

No caso brasileiro das línguas indígenas, é recomendável a criação de mecanismos que ajudem a manter o dialeto nativo, é uma recomendação que vem reforçada pela preocupação com o caráter minoritário dessas línguas, o que as torna vulneráveis às pressões da língua oficial portuguesa, aconselhando-se, por isso, a escrita como a única forma de fortalecimento delas (D'Angelis, 2005, p. 23).

A existência de cartilhas e materiais educativos que abordam a língua *Yaathê* também contribui para fortalecer e disseminar o conhecimento sobre essa língua entre as gerações mais jovens da comunidade Fulni-ô. O *Yaathê*, como língua ancestral dos Fulni-ô, desempenha um papel central na preservação da identidade e da cultura indígena na região (Gaspar, 2003). Sua importância vai além do aspecto linguístico, sendo um símbolo de resistência diante das pressões externas e das tentativas de assimilação cultural.

A mudança do nome de Carnijó ou Carijó para Fulni-ô ao longo do tempo reflete a complexidade e a riqueza da história desse povo, que é resultado da interação e fusão de diferentes grupos indígenas que habitavam a região. Essa diversidade étnica e cultural é parte integrante da identidade dos Fulni-ô e contribui para enriquecer sua história e suas tradições.

Os embates históricos entre os Fulni-ô e os coronéis evidenciam os desafios enfrentados por esse povo para manter sua terra e sua autonomia diante das pressões externas. Esses conflitos também destacam a luta contínua dos Fulni-ô pela preservação de sua cultura e o modo de vida tradicional.

O nome Fulni-ô, ou melhor, uma corruptela deste nome (forniô), aparece na literatura pela primeira vez no último quartel do século XIX. Até meados do século XX, os Fulni-ô eram conhecidos como carnijó ou carijó. São com esses nomes que eles são mencionados nas fontes históricas desde o século XVII, enquanto hoje em dia são conhecidos apenas como Fulni-ô (Schröder, 2011, p. 6).

A resistência dos indígenas Fulni-ô ao longo da história é realmente admirável do ponto sociocultural. Apesar dos inúmeros desafios enfrentados, essa população conseguiu manter viva sua cultura, sua língua e seus valores, transmitindo-os de geração em geração.

O ensino da língua e da cultura indígena entre os Fulni-ô não apenas preserva sua identidade, mas também fortalece sua comunidade e sua autoestima. Cada jovem que aprende sobre suas raízes indígenas se torna um guardião dessa cultura, contribuindo para sua perpetuação e para a continuidade da resistência do povo Fulni-ô.

A história dos Fulni-ô reflete de maneira marcante os desafios enfrentados por muitos povos indígenas diante do contato com outras culturas e da imposição de processos de aculturação. A junção desses povos indígenas foi um marco importante para a sobrevivência e continuidade da identidade Fulni-ô, possibilitando que preservassem sua cultura e tradições até os dias atuais.

Por outro lado, sabe-se que o contato com outras culturas também resultou em processos de aculturação, nos quais os Fulni-ô foram gradualmente inseridos em diferentes aspectos da cultura ocidental. Esse processo muitas vezes levou à perda da autonomia e da identidade indígena, representando um desafio significativo para a preservação das tradições e valores originais.

A adaptação dos Fulni-ô a outras formas de interação com o mundo exterior é um reflexo da complexidade dos processos de contato e aculturação vivenciados por muitos povos indígenas ao longo da história. Aprendendo o português e adotando elementos da religião católica, os Fulni-ô demonstram uma capacidade de se adaptar a novas circunstâncias e integrar aspectos da cultura dominante em suas vidas cotidianas.

O "Ouricuri" é um período sagrado e de grande importância para os Fulni-ô, marcado por rituais religiosos e práticas espirituais específicas. Durante os meses de setembro, outubro e novembro, os indígenas se retiram para esse momento religioso, dedicando-se completamente às suas atividades cerimoniais e espirituais.

Esse período é caracterizado por uma espécie de confinamento, no qual os Fulni-ô se isolam em seu local sagrado, afastando-se temporariamente das atividades cotidianas para se concentrarem na vivência espiritual e na celebração de

suas tradições religiosas. É um momento de profunda conexão com a espiritualidade e de reafirmação dos laços comunitários.

Durante o Ouricuri, os Fulni-ô realizam uma série de rituais, cerimônias e práticas religiosas, que incluem danças, cantos, rezas, oferendas e outras manifestações culturais específicas de sua tradição. Essas práticas são fundamentais para a renovação espiritual e o fortalecimento da identidade cultural da comunidade indígena.

A visão dos Fulni-ô sobre a prática ritualística considerada como sagrada e secreta reflete não apenas sua devoção religiosa, mas também sua preocupação em preservar suas tradições ancestrais. A exclusividade do acesso aos rituais apenas para aqueles que nascem na comunidade é uma forma de garantir a continuidade e a integridade de seus ensinamentos espirituais, além de proteger sua cultura da influência externa.

Ao manter seus rituais em segredo, os Fulni-ô buscam proteger sua religião e sua forma de vida da interferência de religiões proselitistas e de outras influências externas que possam ameaçar sua identidade cultural. Essa prática de preservação do segredo também reforça os laços de pertencimento à comunidade e fortalece a coesão interna entre os membros.

A cultura Fulni-ô é caracterizada como hermética e, com isto, os Fulni-ô construíram um segredo quase impenetrável em torno de vários domínios de sua cultura. Isto significa concretamente que é praticamente impossível para os não-Fulni-ô receber informações sobre a religião étnica, a organização social e diversos aspectos da organização política (Costa, 1999, p. 6).

Durante a prática do ritual sagrado, limitam-se o acesso à estrada que leva ao Ouricuri, demonstrando a importância e o respeito que atribuem ao seu ritual sagrado, bem como sua autonomia e controle sobre seu território e suas tradições. Ao restringir o tráfego de veículos não pertencentes à comunidade, os Fulni-ô protegem a integridade e a sacralidade do local onde realizam seus rituais.

A permissão ocasional de visitantes não indígenas no Ouricuri, mediante autorização das lideranças religiosas como o pajé e o cacique, sugere uma abertura controlada para compartilhar aspectos de sua cultura com pessoas externas à comunidade. Essas visitas podem ser uma oportunidade para promover o entendimento e o respeito mútuo entre os Fulni-ô e outros grupos, além de proporcionar uma troca cultural enriquecedora.

Outra prática é a separação de homens e mulheres durante os rituais no Ouricuri, a qual reflete aspectos da organização social e cultural dos Fulni-ô, que podem estar relacionados a tradições ancestrais, crenças religiosas ou mesmo questões práticas de convivência durante o período de confinamento ritualístico. Essa separação pode ser entendida como uma forma de preservar a integridade e a sacralidade dos espaços rituais, além de respeitar certas normas e papéis de gênero dentro da comunidade.

A evolução na construção das casas dos Fulni-ô ao longo das décadas também reflete mudanças socioeconômicas e culturais na comunidade. A transição de casas de palha e taipa para casas de alvenaria demonstra um processo de modernização e adaptação às novas tecnologias e materiais de construção disponíveis. Essa mudança pode ter impactado não apenas a infraestrutura física das habitações, mas também a forma como os Fulni-ô vivenciam seu cotidiano e sua identidade cultural dentro desses espaços transformados.

Figura 3 - Registro do espaço onde ocorre o ritual do Ouricuri



Fonte: Arquivo pessoal, Tayho Fulni-ô, 2024.

A prática religiosa desempenha um papel central na identidade e coesão social dos Fulni-ô, como em muitas outras culturas indígenas ao redor do mundo. A lenda que associa a unificação dos povos indígenas da região ao culto religioso

reflete a importância da espiritualidade na formação e consolidação da identidade étnica dos Fulni-ô.

A exclusividade dos rituais religiosos aos membros da comunidade indígena é uma forma de preservar a sacralidade e a autenticidade das práticas rituais, além de proteger a integridade cultural e espiritual dos Fulni-ô. Essa restrição pode ser entendida como uma maneira de manter a tradição e a continuidade dos ensinamentos religiosos transmitidos de geração em geração, sem interferências externas que possam comprometer sua autenticidade e significado.

Ao restringir a participação em seus rituais religiosos apenas aos membros da etnia, os Fulni-ô protegem suas práticas espirituais, mas também sua língua, cultura e tradições ancestrais.

Ao evitar o proselitismo religioso e restringir o casamento a membros da própria comunidade, os Fulni-ô buscam preservar a coesão interna e a integridade de sua cultura frente às influências externas. Essa postura pode ser vista como uma estratégia de resistência cultural e uma forma de garantir a continuidade de sua identidade étnica diante das pressões da sociedade envolvente.

Essa abordagem também ressalta a importância da consanguinidade e da ancestralidade na definição da identidade indígena, reforçando a ideia de que a ligação com a comunidade e a tradição é fundamental para ser reconhecido como membro pleno da etnia Fulni-ô.

É interessante ressaltar as percepções dos próprios Fulni-ô sobre as pesquisas acadêmicas acerca do seu povo. De modo que existem preocupações levantadas pelos Fulni-ô destacando a necessidade de uma abordagem ética por parte dos pesquisadores ao lidar com questões culturais sensíveis. É fundamental que os pesquisadores respeitem as perspectivas e narrativas das comunidades indígenas, evitando representações distorcidas ou exóticas de suas tradições e crenças religiosas.

3. O ARTESANATO COMO EXPRESSÃO CULTURAL DA COMUNIDADE INDÍGENA FULNI-Ô

A produção de artesanato é uma das principais fontes de cultura dos Fulni-ô, sendo feita principalmente com palha proveniente do coqueiro Ouricuri, uma planta nativa da caatinga. Apesar da diminuição da disponibilidade dessa palmeira na região, ela ainda é fundamental para os Fulni-ô na produção de seu artesanato, que é realizado de forma essencialmente manual. Os feitos dessas peças artesanais são passados de geração em geração dentro de cada família, inicialmente destinadas à produção comunitária, mas hoje são valorizadas por muitos turistas como verdadeiras obras de arte feitas à mão.

É interessante ressaltar como, há pouco tempo atrás, a cultura da caça, da pesca, do plantio (principalmente de milho e feijão) e da coleta de plantas medicinais e a produção de artesanato era predominante entre os Fulni-ô. No entanto, com a entrada em vigor de salários, muitos indígenas passaram a trabalhar como servidores do estado, atuando na área da educação, saúde por meio do Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI), ou como aposentados, pensionistas e servidores da Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

Apesar dessas mudanças, as práticas culturais tradicionais, como o artesanato, o plantio e outras atividades de coleta, continuam sendo muito importantes não apenas para a obtenção de renda, mas também para a preservação da história e da cultura da comunidade Fulni-ô. De fato, o artesanato é uma das produções mais destacadas nos relatos históricos e etnográficos da etnia, evidenciando sua relevância tanto do ponto de vista econômico quanto cultural.

Antigamente o artesanato era uma atividade que as pessoas dependiam mais, era somente do artesanato. Hoje não é somente do artesanato, mesmo porque a comercialização diminuiu muito e o interesse das pessoas pelo artesanato indígena daqui da região. Ai, o artesanato que é feito, é feito basicamente para ser mandado para fora, para vender nas feiras de artesanato em Brasília e em Recife. Hoje ainda se vende, segunda feira (dia em que vincula uma feira típica das cidades do interior do Nordeste, e, esse era o dia que os índios mais vendiam os seus artesanatos) você ainda encontra o pessoal vendendo artesanato, mas a comercialização dele é muito pouca, as pessoas compram muito pouco. Por exemplo, a gente aqui fazia 100, 150 vassouras por semana, aí levava para a feira para vender. Era normal vender cem (o cento, assim era chamado pelos índios cada cem vassouras que produziam), e sobravam cinquenta. A renda na maioria das famílias era essa, a venda da vassoura. Caiu de um jeito que a gente fazia vassouras, levava cem para vender, aí não vendia nenhuma. Aí levava na outra segunda, mais três segundas e então tinha que diminuir o preço 30,40% para que pudesse entregar (vender) pra que não se perdesse (Wilke, s.d *apud* Campos, 2011, p. 156, grifo do autor).

O relato do antropólogo Wilke Torres de Melo, indígena da tribo Fulni-ô e mestre em antropologia, reforça a importância das práticas culturais tradicionais, como o artesanato, o plantio e a coleta de plantas, para a comunidade Fulni-ô. Essas atividades são fundamentais para a obtenção de renda, mas também desempenham um papel indispensável na preservação da história e da cultura da etnia. O artesanato, em particular, destaca-se como a produção mais significativa nos relatos históricos e etnográficos da comunidade, destacando sua centralidade na identidade e na herança cultural dos Fulni-ô.

Essa evolução do artesanato Fulni-ô, desde sua origem como artefatos utilitários até sua valorização como expressão cultural e fonte de renda, reflete a resiliência e a adaptabilidade desse povo ao longo do tempo. A transição do uso interno para a comercialização dos artefatos não apenas proporcionou uma fonte adicional de sustento, mas também promoveu a preservação e a divulgação da rica cultura Fulni-ô para além das fronteiras de sua comunidade.

A ligação entre o desenvolvimento do artesanato e o sucesso da organização social e econômica dos Fulni-ô destaca a importância de entender o contexto mais amplo em que essa arte se desenvolveu. A segurança alimentar e nutricional proporcionada pelos caçadores e coletores, juntamente com a produção de artefatos, demonstra a interdependência entre diferentes aspectos da vida Fulni-ô e como o artesanato desempenhou um papel vital nesse ecossistema cultural e econômico.

Ao enfatizar a agricultura de subsistência entre os Fulni-ô destaca-se uma preocupação com a segurança alimentar e nutricional da comunidade. O cultivo de mandioca e outras plantas medicinais eram direcionados principalmente para atender às necessidades básicas da comunidade, como alimentação e cuidados de saúde, em vez de serem produzidos em larga escala para venda no mercado.

A prática da agricultura em pequena escala entre os Fulni-ô demonstra sua capacidade de adaptação e diversificação de suas fontes de subsistência ao longo do tempo. A introdução da técnica de plantio em roças permitiu aos Fulni-ô aumentar sua segurança alimentar, complementando sua dieta com culturas como milho, feijão e batata. No entanto, é importante destacar que essa prática agrícola era voltada principalmente para o consumo interno da comunidade, visando atender às necessidades alimentares das famílias e dos colaboradores envolvidos no plantio.

Paralelamente à produção artesanal com fins utilitários, os Fulni-ô fabricavam uma variedade de itens para uso doméstico. O artesanato desempenhava um papel essencial na vida cotidiana da comunidade, fornecendo objetos práticos para diversas necessidades. Dentre os produtos mais comuns estavam bolsas para armazenamento de pertences pessoais, incluindo pequenas mudas de roupas; esteiras e tapetes para dormir, já que a comunidade não dispunha de camas ou colchões; vassouras; adornos para decoração; chapéus; espanadores de pó; cocares; e maracas utilizadas durante as cerimônias de "*cafurna*", termo no dialeto *Yaathê* que se refere aos cânticos rituais. A técnica artesanal permitia a confecção de uma variedade de outros itens conforme a necessidade e a criatividade dos artesãos.

Todos esses artefatos eram confeccionados principalmente a partir da palha extraída do coqueiro "Ouricuri". A importância dessa árvore na cultura dos Fulni-ô é evidenciada pelo fato de que o nome do local ritualístico da comunidade também é derivado do coqueiro "Ouricuri", destacando a profunda conexão entre a árvore e a vida cultural e espiritual dos Fulni-ô.

Além dos artefatos mencionados anteriormente, os arcos e flechas representavam uma parte significativa da produção artesanal dos Fulni-ô, destinados tanto para atividades de caça como para danças rituais que desempenhavam um papel importante na vida comunitária. Os cocares e outros artefatos ornamentais feitos de penas também ocupavam um lugar de destaque na cultura Fulni-ô, sendo considerados símbolos de grande significado.

Entretanto, é importante ressaltar que os artefatos feitos de palha se destacavam ainda mais devido à sua utilidade prática e ao seu papel na geração de renda para os Fulni-ô. De fato, a confecção e venda de artefatos de palha foram uma das primeiras fontes de renda para os indígenas mais velhos, que comercializavam seus produtos nas feiras locais e os trocavam por alimentos com os não indígenas.

Há também um contexto histórico relevante relacionado à produção artesanal de palha, que envolve a união e colaboração da família indígena. Todos os membros da família participavam, desempenhando funções específicas na produção dos artefatos, desde a colheita da matéria-prima até a elaboração do produto final. Essa divisão de trabalho dentro da família reflete uma prática tradicional de cooperação.

Figura 4 - Produção de cocar de penas



Fonte: Arquivo Pessoal, 2024

Figura 5 - Palmeira do coqueiro Ouricuri



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

A palmeira em destaque possui um significado profundamente relevante para a população indígena Fulni-ô. Nessa perspectiva, o artesanato de palha emerge como uma das formas mais significativas de expressão da cultura material dessa comunidade, sobretudo considerando que elementos como religião e idioma são de natureza imaterial. O processo de aprendizado e domínio das técnicas artesanais de palha desempenha um papel fundamental na transmissão e preservação da cultura Fulni-ô, influenciando diretamente a identidade e o senso de pertencimento dos filhos dos indígenas.

Ao internalizarem e praticarem o artesanato tradicional, os jovens Fulni-ô são imersos em sua própria herança cultural, o que frequentemente resulta em uma reduzida inclinação para absorver influências de outras culturas. Esse fenômeno é descrito por Azevedo (1966) como um processo de mudança cultural que decorre do contato com pessoas de culturas diferentes. O autor destaca a dinâmica complexa que envolve a preservação da identidade cultural frente à influência externa, destacando o papel crucial do artesanato como veículo de transmissão e reforço dos valores e tradições Fulni-ô.

É importante ressaltar que, até os dias atuais, alguns membros da comunidade Fulni-ô continuam a considerar o artesanato como uma das principais fontes de renda. Estes indivíduos compreendem e valorizam profundamente a história e a cultura de seu povo, atribuindo significado não apenas ao aspecto financeiro de seu trabalho, mas também à preservação e promoção de sua identidade cultural. Ao fazerem isso, contribuem para a transmissão dos valores e tradições Fulni-ô para as gerações futuras, tanto dentro como fora de sua comunidade.

É notável que a situação financeira dos Fulni-ô tem experimentado uma melhora significativa devido às vendas de artesanato e às apresentações culturais indígenas realizadas em outras cidades. Além disso, observa-se um progresso notável no que diz respeito ao aprendizado de outras áreas culturais, como o idioma e o respeito aos ancestrais. Para os Fulni-ô, alcançar esses objetivos representa um marco importante, não apenas para o desenvolvimento das crianças indígenas que demonstram interesse em preservar os valores de sua etnia, mas também para a melhoria da qualidade de vida de toda a comunidade.

Conforme as crianças Fulni-ô são introduzidas ao aprendizado do artesanato, é natural que desenvolvam uma forte conexão com sua cultura, língua materna e identidade como Fulni-ô. Esta tendência é impulsionada pela experiência única proporcionada pelo artesanato, que não só ensina habilidades práticas, mas também incute valores culturais e tradições transmitidas ao longo das gerações. A prática artesanal se torna uma forma peculiar de expressão individual, refletindo a riqueza e diversidade da cultura indígena Fulni-ô.

Essa participação ativa no processo de preservação e transmissão de sua herança cultural contribui para a formação de uma memória coletiva dentro da comunidade Fulni-ô. Cada peça de artesanato produzida é mais do que um simples objeto; é um elo tangível com as tradições passadas, um testemunho vivo da identidade e do patrimônio cultural dos Fulni-ô. Dessa forma, o artesanato não apenas sustenta a economia da comunidade, mas também fortalece os laços sociais, garantindo a continuidade e a vitalidade da cultura Fulni-ô para as gerações futuras.

A memória é adquirida à medida que o indivíduo toma como sua, as lembranças do grupo com o qual se relaciona: há um processo de apropriação de representações coletivas por parte do indivíduo em interação com os outros indivíduos (Santos, 2003, p. 4).

A história, tradições e valores compartilhados pelos membros da comunidade são elementos fundamentais na formação da identidade de cada Fulni-ô. À medida que participam das práticas culturais, como o artesanato, as danças rituais e os ritos cerimoniais, os indivíduos internalizam e contribuem para a preservação dessa memória coletiva.

Um homem para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio (Halbwachs, 1990, p. 54).

Nesse contexto, o artesanato entre os Fulni-ô vai muito além de sua função utilitária ou comercial. Ele é uma forma de preservar e transmitir a história, os valores e os conhecimentos ancestrais dessa comunidade indígena. Cada peça artesanal carrega consigo uma narrativa cultural, contando histórias de séculos passados e transmitindo ensinamentos de geração em geração.

É importante destacar como a produção em grande escala do artesanato entre os Fulni-ô se tornou uma prática comum e rotineira na comunidade. Esse

processo demonstra não apenas a habilidade e a dedicação dos artesãos, mas também a importância econômica e cultural que o artesanato possui para os Fulni-ô. Ao produzir em grande quantidade, os indígenas têm a oportunidade de ampliar suas fontes de renda e de alcançar um mercado mais amplo para seus produtos. Além disso, a produção em larga escala pode ser uma estratégia para atender à demanda crescente por artesanato Fulni-ô, tanto dentro quanto fora da comunidade.

O processo de produção do artesanato Fulni-ô envolve várias etapas cuidadosas e trabalhosas, desde a extração da matéria-prima até a criação final das peças. Aqui está uma visão geral do processo:

1. **Extração da Palha:** A palha é extraída do coqueiro Ouricuri, encontrado na Serra do *Comunaty*, localizada a cerca de 8 a 10 quilômetros da comunidade Fulni-ô. Os indígenas se deslocam até a serra, munidos de alimentos, água e ferramentas como facão e foice. Eles sobem nos coqueiros para cortar a palha presa nos galhos.
2. **Secagem da Palha:** Após a extração, a palha é colocada ao sol para secar. Esse processo ajuda a palha a ficar mais maleável e facilita o trabalho subsequente.
3. **Preparação da Palha:** Uma vez seca, a palha é cortada ao meio e passa por um minucioso trabalho de tecelagem. Os indígenas trabalham meticulosamente para tecer as partes da palha, transformando-as em fios finos e uniformes.
4. **Confecção das Peças:** Com a palha preparada, os artesãos começam a criar as peças de artesanato desejadas. Isso pode envolver técnicas de tecelagem, trançado e modelagem, dependendo do tipo de produto que estão produzindo.
5. **Acabamento:** Após a confecção, as peças podem passar por um processo de acabamento, que pode incluir o corte de excessos de palha, o ajuste de detalhes e a aplicação de adornos ou enfeites, dependendo do estilo e da finalidade da peça.
6. **Qualidade e Inspeção:** Antes de serem comercializadas, as peças passam por uma inspeção de qualidade para garantir que atendam aos padrões desejados. Os artesãos podem fazer ajustes finais, se necessário, para garantir a qualidade do produto final.
7. **Comercialização:** Por fim, as peças de artesanato estão prontas para serem comercializadas. Elas podem ser vendidas localmente na comunidade Fulni-ô, em feiras de artesanato ou até mesmo exportadas para outros locais,

contribuindo para a economia da comunidade e promovendo a cultura indígena Fulni-ô.

Figura 6 - Palha da palmeira Ouricuri



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Os artefatos feitos de madeira e pedra pelos Fulni-ô incluem uma variedade de utensílios de caça e ferramentas tradicionais. Aqui estão alguns exemplos:

1. **Arco e Flecha:** O arco e flecha são peças tradicionais essenciais para a caça e a defesa. Os arcos são feitos de madeira flexível, muitas vezes encontrada na Serra do *Comunaty*, e as flechas são tipicamente feitas de madeira e podem ter pontas de pedra afiada.
2. **Tacape ou Borduna:** O tacape, também conhecido como borduna, é uma arma de combate corpo a corpo feita de madeira resistente. É usado tradicionalmente em confrontos e é uma parte importante da cultura e história dos Fulni-ô.

3. **Machadinha:** As machadinhas são ferramentas multifuncionais usadas para cortar lenha, construir abrigos e, historicamente, para o abate de animais durante a caça. Elas são esculpidas a partir de madeira resistente e durável.

Esses artefatos não só servem como ferramentas práticas, mas também têm um profundo significado cultural e histórico para os Fulni-ô. Eles representam a habilidade e a tradição transmitidas de geração em geração, além de manterem viva a conexão dos Fulni-ô com a terra e seus antepassados.

Figura 7 - Produto final



Fonte: Arquivo pessoal, 2021

3.1 Economia Criativa pelo viés do artesanato

A economia criativa desempenha um papel vital na produção do artesanato, que serve como uma expressão identitária e socioeconômica da comunidade indígena. No contexto da comunidade Fulni-ô de Águas Belas, em Pernambuco, o artesanato é intrinsecamente ligado à sua identidade sociocultural. Os Fulni-ô, que valorizam e preservam suas tradições culturais, encontram no artesanato uma maneira de transmitir sua história, valores e crenças às gerações futuras.

O artesanato Fulni-ô é caracterizado pelo uso de técnicas ancestrais e materiais naturais encontrados na própria natureza. Cada peça produzida carrega consigo a riqueza da cultura e do conhecimento tradicional desse povo, representando não apenas uma atividade econômica, mas também um vínculo com suas origens e herança cultural. Dessa forma, o artesanato se torna uma ferramenta poderosa para fortalecer a identidade e a autoestima da comunidade Fulni-ô.

Além de preservar a tradição, o artesanato também desempenha um papel salutar na economia local, gerando emprego e renda para os artesãos e suas famílias. Através da comercialização de seus produtos, a comunidade tem a oportunidade de diversificar suas fontes de renda e promover o desenvolvimento socioeconômico sustentável. O turismo cultural também é impulsionado pelo artesanato, atraindo visitantes interessados em conhecer e adquirir produtos únicos e autênticos (Ribeiro, 2014). Esse ciclo virtuoso beneficia não apenas os artesãos, mas também a comunidade em geral, ao criar oportunidades de emprego e fortalecer a economia local.

É fundamental ressaltar que o reconhecimento e a valorização do artesanato indígena como patrimônio cultural são importantes para garantir sua preservação e continuidade ao longo do tempo. Iniciativas de apoio à produção artesanal, capacitação técnica e promoção comercial são essenciais para fortalecer a economia criativa da comunidade e assegurar que suas tradições sejam transmitidas às futuras gerações (Bernadassolli; Wood, 2010). Essas medidas não apenas protegem o legado cultural dos Fulni-ô, mas também promovem o respeito pela diversidade cultural e contribuem para o enriquecimento do patrimônio cultural do Brasil.

Além disso, o artesanato pode servir como uma ponte para o diálogo

intercultural e a promoção da diversidade. Ao compartilhar suas técnicas e narrativas por meio de suas criações, os artesãos têm a oportunidade de se conectar com outras culturas e expandir seu alcance no mercado nacional e internacional. Essa troca de experiências não apenas enriquece o cenário cultural, mas também fortalece os laços de solidariedade entre os povos (Duque, 2015). O artesanato, portanto, não é apenas uma forma de expressão cultural, mas também uma ferramenta poderosa para fomentar a cooperação entre os indígenas da comunidade de forma criativa.

O artesanato transcende as fronteiras geográficas e culturais, tornando-se uma conexão transcultural. Essa relevância é ainda mais evidente quando os produtos criativos são comercializados, pois cada peça vendida não apenas representa o trabalho árduo e a criatividade dos artesãos, mas também carrega consigo a riqueza da cultura indígena. Essa visibilidade expandida não só proporciona oportunidades econômicas para a comunidade, mas também aumenta a conscientização e o apreço pela cultura indígena em escala global (FUNAI, 2009). Assim, o artesanato Fulni-ô não pode ser pensado apenas como um meio de subsistência, mas também uma forma de promover a valorização das tradições e saberes indígenas em todo o mundo.

Portanto, o artesanato pelo viés da economia criativa é uma expressão multifacetada da identidade sociocultural desta comunidade indígena. Ao valorizar e apoiar o artesanato, estamos não apenas investindo em seu desenvolvimento socioeconômico, mas também reconhecendo e celebrando sua contribuição única para o patrimônio cultural do Brasil (Ribeiro, 2014). O artesanato Fulni-ô é um tesouro cultural que reflete a história, as tradições e os valores dessa comunidade, e é essencial que continuemos a preservá-lo e promovê-lo como parte integrante da riqueza cultural do nosso país.

3.2 O fomento de políticas públicas voltadas para o artesanato indígena

As políticas públicas desempenham um papel fundamental no reconhecimento e na promoção das tradições culturais e na geração de renda das comunidades indígenas. Essas políticas visam proteger e valorizar o patrimônio cultural dos povos indígenas, ao mesmo tempo em que estimulam o desenvolvimento socioeconômico sustentável dessas comunidades (Brasil, 2024).

É importante ressaltar que essas políticas sejam implementadas de forma eficaz, considerando as necessidades específicas de cada comunidade e promovendo a participação ativa dos povos indígenas na elaboração e implementação de iniciativas que impactem suas vidas e culturas. Ao fazer isso, pode-se contribuir para a preservação e o fortalecimento das tradições indígenas, enquanto busca-se garantir uma maior igualdade e justiça social para todos os cidadãos brasileiros.

Uma das principais medidas de fomento que podem ser adotadas pelas políticas públicas é o apoio à capacitação e ao fortalecimento das habilidades dos artesãos indígenas. Por meio de cursos, oficinas e programas de formação, os artesãos recebem treinamento técnico e gerencial para aprimorar suas técnicas de produção, gestão de negócios e comercialização de seus produtos (Figueiredo, 2015). Esse investimento na capacitação dos artesãos não apenas melhora a qualidade dos produtos, mas também os capacita a atender às demandas do mercado de forma mais eficaz, fortalecendo assim a economia local e promovendo o desenvolvimento sustentável das comunidades indígenas.

Além disso, as políticas públicas podem incentivar a criação de cooperativas e associações de artesãos indígenas, proporcionando um ambiente favorável para a organização coletiva e a cooperação entre membros da comunidade. Essas organizações permitem que os artesãos tenham maior poder de negociação, acesso a recursos financeiros e apoio para comercializar seus produtos em mercados locais, nacionais e internacionais (FUNAI, 2009). Ao unirem forças, os artesãos podem enfrentar desafios comuns, compartilhar conhecimentos e experiências e ampliar suas oportunidades de crescimento e desenvolvimento.

Outra medida importante é o apoio à infraestrutura e logística para a produção e comercialização do artesanato indígena. Isso inclui o fornecimento de matéria-prima, equipamentos e espaços adequados para a produção, bem como o desenvolvimento de canais de distribuição e marketing para conectar os artesãos aos consumidores (Figueiredo, 2015). Ao garantir acesso a recursos e infraestrutura adequados, as políticas públicas podem criar condições favoráveis para o crescimento e a sustentabilidade do setor artesanal indígena.

Mais um aspecto importante é o incentivo à preservação e revitalização das técnicas e materiais tradicionais utilizados no artesanato indígena. Isso envolve o

apoio à conservação dos recursos naturais e à transmissão do conhecimento ancestral de geração em geração, garantindo a continuidade das tradições culturais e ambientais das comunidades indígenas (Bernadassolli; Wood, 2010).

Por intermédio das políticas públicas é possível fomentar a educação e a valorização do artesanato indígena entre as novas gerações. Isso envolve o desenvolvimento de programas educacionais que ensinem sobre a história, os valores e as técnicas artesanais das comunidades indígenas, bem como a promoção de atividades culturais e eventos que destaquem a importância do artesanato indígena na identidade e na herança cultural do país. Ao investir na educação e sensibilização sobre o artesanato indígena, o Estado pode contribuir para a preservação e promoção dessa expressão única da cultura brasileira (Salgado; Franciscatti, 2011).

4. METODOLOGIA

Design do Estudo

Este estudo utilizou design exploratório com abordagem qualitativa para investigar o artesanato como expressão sociocultural da comunidade indígena Fulni-ô de Águas Belas –PE.

Participantes

Os participantes do estudo foram selecionados entre os membros da comunidade Fulni-ô que estão diretamente envolvidos na produção de artesanato. A amostra incluiu 26 artesãos, homens e mulheres, de diferentes idades e níveis de experiências.

Instrumento de Coleta de Dados

Os dados foram coletados utilizando uma combinação de entrevistas semiestruturadas pelo Google Forms, observação participante e análise de artefatos, no ano de 2023. As entrevistas foram conduzidas com os artesãos para explorar suas histórias, técnicas, materiais utilizados e o significado cultural do artesanato. As observações participantes permitiram uma imersão nas práticas artesanais, observando e registrando os processos de produção em contexto naturais. As análises dos artefatos incluíram: a amostra por meio de registro fotográfico e descrição dos produtos artesanais, destacando seus aspectos estéticos e funcionais.

Pesquisa Etnográfica

A pesquisa etnográfica foi fundamental para entender o contexto sociocultural do artesanato Fulni-ô. Para a coleta dos dados, o período de tempo de vivências na comunidade, participando de atividades diárias, cerimônias e eventos culturais para obter uma compreensão profunda do papel do artesanato na vida comunitária.

Análise de Dados

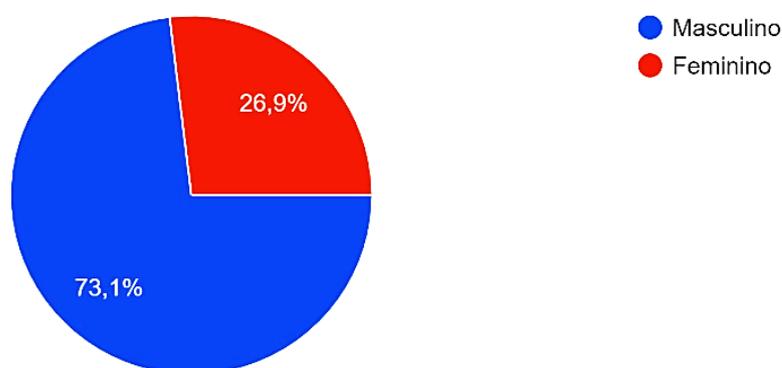
Os dados qualitativos foram analisados a partir das técnicas de codificação com auxílio do Google Forms para validar os achados, comparando informações obtidas através de diferentes métodos (entrevista, observações e análise de artefatos).

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As considerações acerca das perspectivas dos indígenas, bem como das condições dos pesquisadores e dos métodos utilizados, devem ser salientadas para garantir a integridade e a relevância do estudo. A abordagem multidisciplinar, aliada a referenciais teóricos sólidos, enriquece a análise e permite uma compreensão mais completa e precisa do tema em questão.

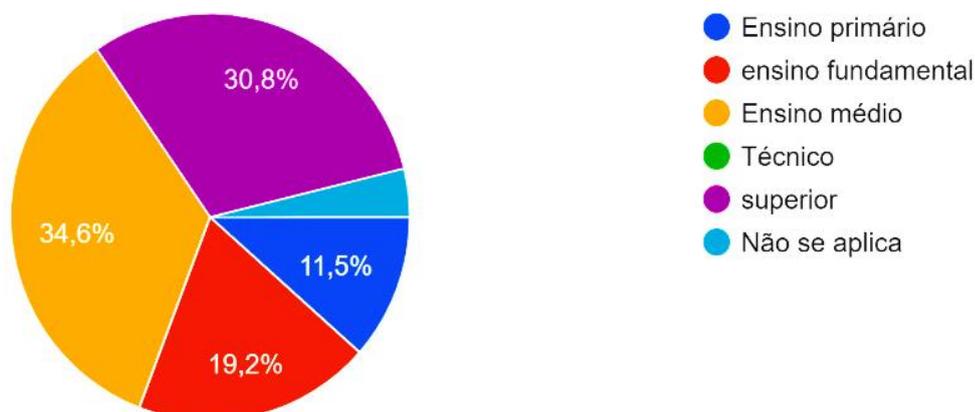
A metodologia adotada, que incluiu a realização de pesquisas por meio de formulários e conversas informais, proporcionou uma visão abrangente do cenário da comunidade Fulni-ô e das complexidades envolvidas em sua produção artesanal e na preservação de sua cultura. Essa abordagem permitiu capturar nuances importantes e compreender as dinâmicas sociais, culturais e econômicas que influenciam a vida dos Fulni-ô. A amostragem transcorreu com 26 indígenas artesãos através de aplicação de questionário fechado via Google Forms.

Gráfico 1 - Indígenas artesãos de acordo com o gênero



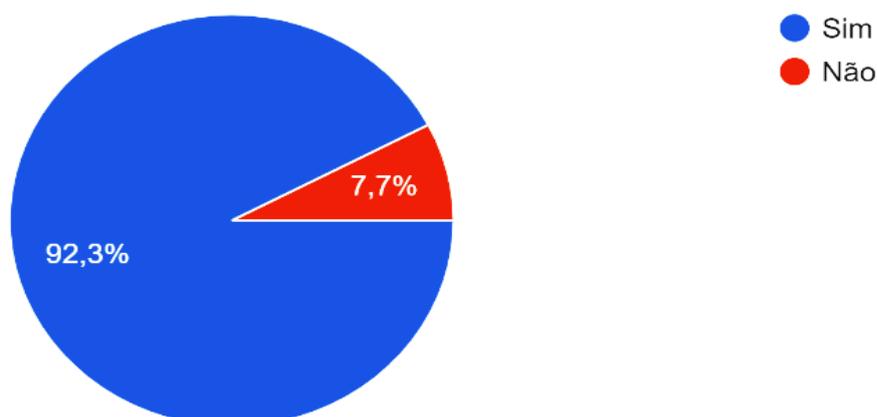
Nota-se que a presença masculina tem maior participação na escala de produção do artesanato, porém as mulheres têm destaques nos artesanatos mais detalhados. Isso sugere uma divisão de gênero nas atividades artesanais da comunidade Fulni-ô, onde os homens tendem a se envolver mais em trabalhos que exigem força física ou habilidades específicas, como a confecção de utensílios de caça e ferramentas, enquanto as mulheres se destacam em artesanatos que requerem delicadeza e detalhes, como a produção de tecidos e adornos. Essa divisão de trabalho pode refletir tradições culturais e papéis de gênero dentro da comunidade.

Gráfico 2 - Nível de escolaridade entre os artesãos



Com a implantação de escolas na comunidade, o acesso à educação formal pode abrir novas oportunidades para os indígenas, permitindo que eles ampliem seus horizontes, adquiram novos conhecimentos e habilidades, e se engajem em áreas que antes poderiam ser inacessíveis. Além disso, o aumento do nível educacional na comunidade pode contribuir para fortalecer sua identidade cultural, permitindo que os jovens indígenas preservem e valorizem suas tradições enquanto também se capacitam para enfrentar os desafios modernos.

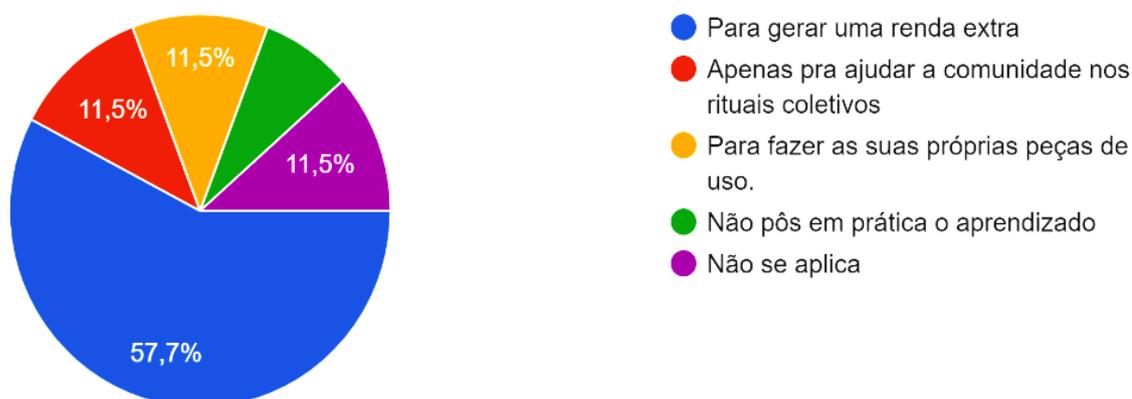
Gráfico 3 - Educação escolar indígena



Observa-se que uma grande maioria dos indígenas frequenta ou frequentaram as escolas dedicadas ao aprendizado cultural indígena. Isso reflete um compromisso firme com a preservação e transmissão das tradições e conhecimentos ancestrais dentro da comunidade. A escola indígena desempenha um papel fundamental na manutenção da identidade cultural e na promoção da língua, dos costumes e das práticas tradicionais. Essa dedicação ao aprendizado cultural é fundamental para garantir a continuidade e o fortalecimento das práticas culturais

indígenas, permitindo que as gerações futuras se conectem com suas raízes e valorizem sua herança cultural.

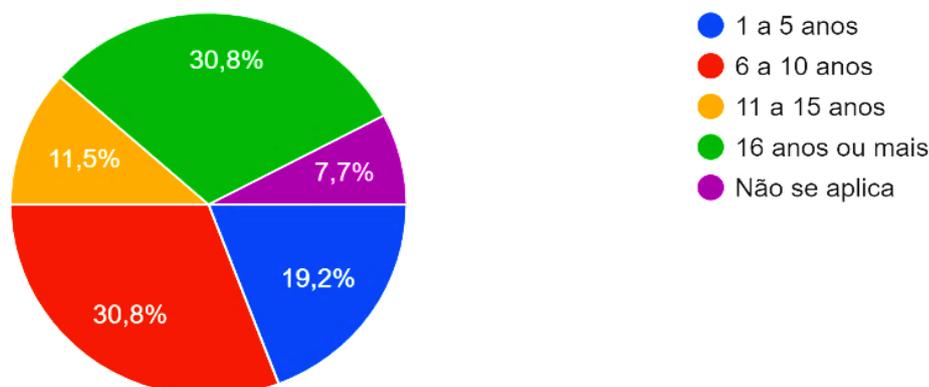
Gráfico 4 - A conexão com trabalho artesanal



É interessante observar como muitos indígenas estão buscando aumentar a eficiência de suas produções culturais não apenas para preservar sua herança, mas também para gerar renda adicional. Essa abordagem mostra uma adaptação inteligente às demandas econômicas contemporâneas, combinando tradição e inovação para garantir a sustentabilidade das comunidades.

Ao aproveitar os conhecimentos ancestrais em conjunto com técnicas modernas de produção e gestão, os indígenas podem não só preservar suas culturas, mas também promover o desenvolvimento econômico dentro de suas comunidades. Essa dualidade entre preservação cultural e prosperidade econômica destaca a resiliência e a adaptabilidade da comunidade indígena diante dos desafios do mundo moderno.

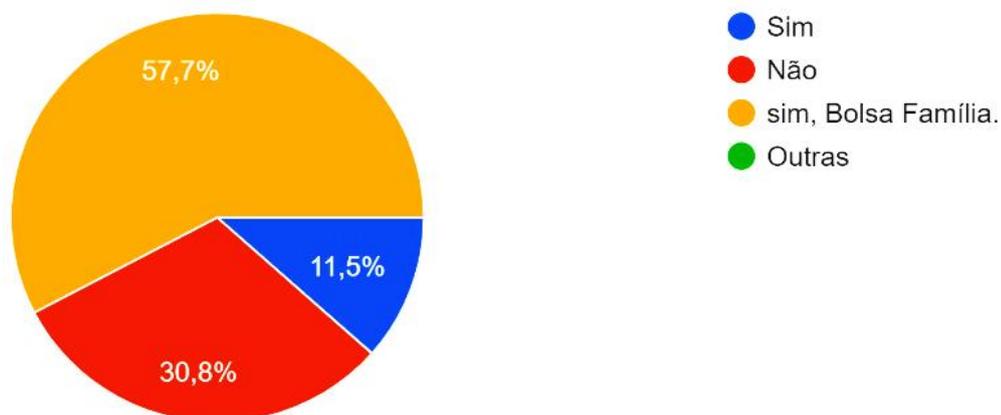
Gráfico 5 - Tempo de experiência com o artesanato



O tempo de experiência no trabalho artesanal é fundamental para manter viva a cultura, mas o contato precoce não apenas preserva as habilidades artesanais

ancestrais, como também fortalece os laços culturais dentro das comunidades. Ao envolver as crianças desde tenra idade na confecção de artesanatos, os familiares garantem que essas práticas tradicionais continuem a prosperar ao longo do tempo.

Gráfico 6 - Beneficiários de políticas de transferência de renda



Conforme se observa, o Programa Bolsa Família é presente na maioria das famílias indígenas, fornecendo auxílio financeiro para as famílias dos artesãos. Desse modo, além de aliviar parte do fardo financeiro, o programa de transferência de renda pode permitir mais segurança e estabilidade, possibilitando-lhes concentrar-se em outras áreas, como o desenvolvimento econômico local e a preservação da cultura e das tradições do artesanato indígena.

5.1 Narrativa de um artesão pioneiro na produção artesanal

Qual sua experiência com o artesanato?

Minha experiência com o artesanato vem desde criança. Desde que eu comecei a entender um pouco de nossos costumes, nossa cultura, também influenciou muito que meu pai trabalhava com o grupo, fazendo apresentação nas cidades fora, e aí eu consegui ir aprendendo com ele e com os outros parentes, vendo-os fazendo artesanatos, ouvindo eles cantarem, isso faz parte da nossa cultura, e aí desde criança eu trabalho com isso.

Como você vê o artesanato como renda da comunidade?

Hoje em dia, eu acho que mais ou menos 80% daqui do povo Fulni-ô a principal fonte de renda é o artesanato, eu vejo que a maioria de jovens até pessoas mais velhas, continuam trabalhando com o artesanato, e é muito importante que desde sempre que a gente aprende que nossos mais velhos viviam tanto de roça, plantando, quanto de artesanatos da gente, como esteiras, tapete, vassoura, muitos artesanatos de palha, os homens da comunidade iam até a serra tirava a palha, fazia todo o processo dela para

poder fabricar o artesanato.

Qual seu nível escolar?

Eu consegui terminar o ensino médio, infelizmente não tive a oportunidade de fazer uma faculdade, hoje vivo dos artesanatos que eu consigo fabricar e poder levar para outras cidades, as cidades grandes para poder vender. Isso é muito importante e vem de geração em geração, meu pai já me ensinou, passou isso para mim, e eu tento de alguma forma passar isso para o meu filho.

Qual importância do artesanato na comunidade?

Muito importantes e para poder não acabar, para os jovens de hoje da continuidade no que a gente está fazendo ainda, que aprendemos com os nossos mais velhos, isso é importante tanto para etnia quanto para os nossos costumes, e isso incentiva eles à nossa maior riqueza que vem da nossa linguagem, o Yaathê, isso liga com as apresentações da gente com cântico, com dança e a exposição de artesanatos também e isso é um incentivo muito grande para os jovens poder da continuidade, não deixar se acabar a nossa cultura.

Figura 8 – O indígena na confecção do artesanato



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artesanato da comunidade Fulni-ô de Águas Belas/PE é mais do que uma simples atividade comercial; é uma profunda expressão da cultura e da identidade étnica dos povos indígenas do Sertão pernambucano. Como integrante da comunidade Fulni-ô, entendo profundamente a importância da produção artesanal na preservação cultural e na geração de renda.

Novos desafios surgem de várias maneiras, uma vez que a prática da identidade está inextricavelmente ligada à preservação e promoção da cultura Fulni-ô, ao mesmo tempo em que se esforça para fornecer uma fonte de subsistência econômica para a comunidade. Embora os planos para esta operação ainda estejam em fase inicial, está claro que o artesanato é um elemento fundamental da vida dos Fulni-ô, funciona como um elo entre passado e presente, tradição e modernidade.

É importante alinhar o artesanato Fulni-ô sob a perspectiva da economia criativa para maximizar o potencial de trabalho através de uma história rica com uma identidade cultural vibrante. Valorizar e promover o artesanato local não só preserva as tradições ancestrais, mas também fortalece cultural e economicamente toda a comunidade Fulni-ô. Este mecanismo cultural e financeiro é preponderante para manter a coesão social e promover o bem-estar da comunidade.

Com base no reconhecimento do potencial do artesanato produzido, é necessário aumentar efetivamente os programas e políticas sociais que possam promover ativamente os recursos humanos, sociais e ambientais criados pelo artesanato. Ao promover o artesanato como fonte de renda, não só contribui para a subsistência das famílias, mas também serve como mecanismo de distribuição para o desenvolvimento da renda dentro da própria comunidade.

A pesquisa de campo constatou que a criação de uma oficina estruturada dedicada à produção eficiente de artesanato Fulni-ô pode representar uma estratégia determinante para aumentar a renda e fortalecer a economia local. Esta iniciativa não só ampliará a capacidade de produção e a gama de produtos à venda, mas também criará oportunidades de emprego e formação para jovens artesãos.

Diante desta constatação, oficinas bem organizadas e eficazes terão potencial para agregar valor aos produtos artesanais, tornando-os mais atrativos e competitivos no mercado. Isto aumentará significativamente o retorno econômico

dos artesãos Fulni-ô, contribuindo assim para o bem-estar econômico de toda a comunidade.

É importante ressaltar que houve iniciativas no passado de criação de espaços dedicados à produção artesanal na comunidade, como a construção de casas especiais, mas esses projetos foram abandonados por falta de recursos e falta de comprometimento. Atualmente, cada artesão desenvolve o seu trabalho em sua casa ou com outros artesãos num armazém compartilhado, promovendo assim uma prática comum de produção artesanal, o que confirma a ideia de criar um atelier com estas especificidades para melhorar está sinergia.

Ao olharmos para a cultura artesanal da população Fulni-ô, compreendemos uma tradição que se ressignifica com o passar do tempo. Ao conviver nesta comunidade, cada indivíduo Fulni-ô internaliza sua própria língua, cultura e diversos conhecimentos e valores. Eles adquirem o conhecimento necessário e o transmitem à próxima geração, garantindo assim a continuidade do patrimônio indígena. Segue-se que esta herança pode ser protegida através da educação escolar indígena. Ao ensinar às crianças um conjunto de saberes e práticas específicas do seu povo, enfatizam a importância de preservar o artesanato e o espírito coletivo que caracteriza a essência da sua cultura.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, T. **Cultura e situação racial no Brasil 1966**. Civilização brasileira: Rio de Janeiro. <https://aguasbelas.pe.gov.br/2022/04/07/aguas-belas-alcanca-2o-lugar-em-pernambuco-em-transparencia-nas-informacoes-contabeis/>. Acesso em: 12 mar. 2024.
- BENDASSOLLI, P. F.; WOOD, J. R. T. O paradoxo de Mozart: carreiras nas indústrias criativas. **Organizações & Sociedade**, v. 17, n. 53, pág. 259-277, 2010.
- BRASIL. Programa do Artesanato Brasileiro - PAB na estrutura do Ministério da Economia. Secretaria Especial de Produtividade, Emprego e Competitividade – SEPEC. Disponível em: <https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/artesanato/conheca-o-pab>. Acesso em: 15 abr. 2024.
- CAMPOS, C. S. Aspectos da organização econômica nas relações de pressão e estratégias de sobrevivência, 2011. In: SCHRÖDER, P. (org.). **Cultura, identidade e território no Nordeste indígena: os Fulni-ô**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.
- COSTA, J. F. da. **Bilinguismo e atitudes linguísticas interétnicas: aspectos do contato português - ya:thê**. (Dissertação de Mestrado). Recife: UFPE, 1993.
- COSTA, J. F. da. **Ya:thê, a última língua nativa no nordeste do Brasil: aspectos morfo-fonológicos e morfo-sintáticos**. 1999. 387 f. Tese (Doutorado em Linguística). Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.
- D'ANGELIS, R. W. **Novos estudos sobre línguas indígenas**. Brasília. Ed. Universidade de Brasília. 2005.
- DUQUE, F.S. Economia criativa: empreendimentos culturais. In: L. CALABRE, M.; SIQUEIRA, D.R. L.; ZIMBRÃO, A. (org.), **Anais do VI Seminário Internacional de Políticas Culturais**. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, p. 487-49, 2015.
- FIGUEIREDO, J. L. Economia criativa, cidade criativa e desenvolvimento. In: TEIXEIRA, E.A.S.; CORRÊA, S.B. (org.), **Economia criativa**. Rio de Janeiro, E-papers, p. 27-47, 2015.
- FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO (FUNAI). 2009. **Funai planeja reestruturação do Projeto de comercialização da arte indígena**. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/comunicacao/noticias/2284-funai-planeja-reestruturacao-do-projeto-de-comercializacao-da-arte-indigena>. Acesso em: 15 abr. 2024.
- GASPAR, L. **Índios Fulni-ô**. Pesquisa escolar, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. 2003. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>. Acesso em: 26 mar. 2024.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Vértice, 1990.

QUIRINO, E. G. A memória Fulni-ô tecendo o campo territorial, 2011. In: SCHRÖDER, P. (org.). **Cultura, identidade e território no Nordeste indígena: os Fulni-ô**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.

RIBEIRO, Z. F. Adaptações e demandas no artesanato indígena. In: BALLIVIÁN, J.M.P. (org.). **Tecendo relações além da aldeia: artesãos indígenas em cidades da Região Sul**. OIKOS, Comin, p. 13-14, 2014.

SANTOS, M. S. **Memória Coletiva e Teoria Social**. São Paulo: Annablume. 2003.

SALGADO, M.; FRANCISCATTI, K. V. S. Artesanato e trabalho: um estudo acerca dos limites do fazer e do criar artesanal. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 2, n. 4, pág. 284-296, 2011.

SCHRÖDER, P. Terra e território Fulni-ô: Uma história inacabada, 2011. In: SCHRÖDER, P. (org.). **Cultura, identidade e território no Nordeste indígena: os Fulni-ô**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.